

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E BILINGUISMO: PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO EM LIBRAS COM TEMA DE CIÊNCIAS

Inclusive Education and Bilingualism: Developing Science-Themed Teaching Materials in Brazilian Sign Language



Luciane Rangel Rodrigues¹



RESUMO

A educação brasileira tem buscado valorizar a diversidade, e um dos grandes desafios nesse caminho é aproximar a comunicação entre surdos e ouvintes. Para a comunidade surda, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é a primeira língua, reconhecida legalmente desde 2002. No entanto, mais de uma década depois, sua presença efetiva nas escolas ainda é rara — mesmo nas instituições inclusivas. Enquanto línguas estrangeiras como inglês e espanhol são obrigatórias para ouvintes, a Libras quase nunca é oferecida a esse público, mesmo podendo ampliar a interação e o respeito mútuo desde a infância. Este trabalho propõe justamente mudar essa realidade. Foi criado um material didático em Libras para ensinar um conteúdo de Ciências sobre “Mamíferos”, explorando, em vídeo, classificadores que representam o “ato de mamar”. Disponível gratuitamente no YouTube (<https://youtu.be/ciM174dU5s>), ele busca tornar o aprendizado da Libras mais acessível e mostrar que, quando ciência e inclusão caminham juntas, todos ganham.

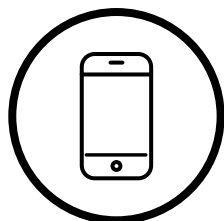
Palavras-chave: Libras; Crianças ouvintes; Vídeo; Ciências; Mamíferos

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; lucianerangel.uff@gmail.com

ABSTRACT

Brazilian education has been moving toward valuing diversity, and one of its greatest challenges is fostering genuine communication between deaf and hearing people. For the deaf community, Brazilian Sign Language (Libras) is their first language, officially recognized since 2002. Yet, more than a decade later, it remains absent from most schools — even those labeled inclusive. While foreign languages such as English and Spanish are mandatory for hearing students, Libras is rarely offered to them, despite its potential to promote interaction and mutual respect from an early age. This project aims to help change that. It presents the creation of an educational resource in Libras to teach a Science topic — “Mammals” — using video to illustrate classifiers that represent the act of suckling. Freely available on YouTube (<https://youtu.be/ciMl74dU5s>), it seeks to make learning Libras more accessible and to show that when science and inclusion go hand in hand, everyone benefits.

Keywords: Brazilian Sign Language (Libras); Hearing Children; Video; Science; Mammals



**LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O
QR CODE AO LADO OU O LINK**
<https://youtu.be/sECvR4XDC7>



Introdução

A autora, surda e culturalmente identificada com a Língua Brasileira de Sinais (LSB)², perdeu a audição aos dois anos e meio devido a meningite. Na infância, viveu o período em que a LSB era proibida, recebendo apenas treinamento em fala, leitura e escrita em português, idioma que se tornou sua língua materna, mas não a natural. Sua trajetória profissional foi marcada por barreiras de comunicação, preconceito linguístico e desigualdade de oportunidades — obstáculos que fortaleceram sua autoestima e despertaram o desejo de lecionar. Ao perceber o desinteresse de parte dos ouvintes, passou a defender a inclusão da LSB no currículo escolar desde a educação infantil, assim como ocorre com línguas estrangeiras. No âmbito do CMPDI³/Instituto de Biologia da UFF, desenvolveu um material didático em vídeo, em LSB, sobre o tema de Ciências “Mamíferos”, direcionado a estudantes de 10 a 11 anos em escola municipal inclusiva de Niterói, com potencial de uso ampliado. Sua trajetória reflete a consolidação de uma identidade surda fortalecida, o compromisso com a educação bilíngue e a defesa ativa da inclusão, sustentada pela vivência pessoal e pela luta por reconhecimento linguístico e cultural.

Legalidade e aspectos relevantes da língua de sinais

A Língua Brasileira de Sinais (LSB) é oficialmente reconhecida como primeira língua das pessoas surdas e segunda língua para ouvintes, possuindo respaldo legal que a distingue de uma língua estrangeira. Embora difira da Língua Portuguesa por adotar a modalidade espaço-visual em vez da oral-auditiva, compartilha com qualquer idioma níveis linguísticos estruturais — fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática — que organizam desde as unidades mínimas até o uso contextual da linguagem. Segundo Campello,

² A Língua de Sinais Brasileira pode ser grafada como LSB ou Libras.

³ Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão, que está vinculado ao Instituto de Biologia da UFF - Universidade Federal Fluminense.



o objetivo é:

[...]utilizar captação dos sinais visuais, ampliar e exercitar as capacidades mentais e visuais para se comunicar com os Surdos. Todo e qualquer recurso que for utilizado para ajudar na comunicação, a compreensão dos conceitos deverá ser aplicado com naturalidade, e não para modificá-los, mas para auxiliar na compreensão e tradução gramatical visual. (2008, p.209)

Sua expressividade singular reside na visualidade e na complexidade de seu léxico, definido por parâmetros específicos: *Configuração de Mão (CM)*, *Movimento (M)*, *Locação (L)*, *Orientação da Mão (OM)* e *Expressões Não-Manuais (ENM)*. Cada um desses elementos, isoladamente ou combinados, é capaz de alterar o sentido de um sinal. Movimentos, direções, posicionamentos e expressões faciais ou corporais modulam tanto o aspecto gramatical quanto o valor emocional da mensagem.

Estudos de referência, como os de Quadros & Karnopp (2004) e Battison (1978), reforçam que a alteração de um parâmetro na LSB pode transformar completamente o significado, tal como ocorre com a troca de sons nas línguas orais. Essa estrutura revela que a LSB é um sistema linguístico pleno, dotado de regras próprias, valor cultural e potencial educativo equivalente ao de qualquer língua oral, merecendo, portanto, reconhecimento e ampla difusão.

No aspecto morfológico, de acordo com Quadros e Karnopp, por exemplo:

as línguas de sinais têm um léxico e um sistema de criação de novos sinais em que as unidades mínimas com significado (morfemas) são combinadas.[...] Para as línguas orais, palavras complexas são muitas vezes formadas pela adição de um prefixo ou sufixo a uma raiz. Nas línguas de sinais, essas formas resultam frequentemente de processos não-concatenativos em que uma raiz é enriquecida com vários movimentos e contornos no espaço de sinalização (2004, p.87)

A Língua Brasileira de Sinais (LSB), também conhecida como Libras, constitui um sistema linguístico completo, dotado de léxico, sintaxe e expressividade ilimitada. Seus sinais podem ser formados por reduplicação de movimentos ou pela junção simultânea de outros sinais, originando composições como IGREJA (CASA+CRUZ). Do ponto de vista semântico, os sinais podem ser icônicos — com semelhança visual ao referente — ou arbitrários, característica essencial que permite a expressão de conceitos abstratos.

A cultura surda é profundamente visual, e a língua de sinais transforma vivências não sonoras em comunicação significativa. Nesse contexto, os olhos tornam-se instrumentos de escuta, e o surdo, especialmente como educador, desempenha papel central na mediação intercultural. O professor surdo não apenas representa um modelo para seus pares, mas também desafia paradigmas ouvintes, promovendo uma sociedade mais inclusiva e plural.

A visualidade, longe de ser mero registro passivo, envolve interpretação e construção de sentido. A descrição imagética, que articula elementos visuais e mentais, amplia a capacidade cognitiva e comunicativa da LSB, reforçando seu caráter linguístico e cultural. Strobel e Fernandes propõem que sinais icônicos são:

gestos que fazem alusão à imagem do seu significado. [...] Isso não significa que os sinais icônicos são iguais em todas as línguas. Cada sociedade capta facetas diferentes do mesmo referente, representadas através de seus próprios sinais, convencionalmente [...]. A iconicidade, embora presente, não compromete o status da LSB como língua legítima, pois convive com sinais arbitrários e abstrações. (1998, p.7)

Apesar de sua relevância, o desconhecimento da LSB por parte da população ouvinte ainda gera barreiras significativas. A imposição da Língua Portuguesa como única via de ensino

marginaliza a língua natural dos surdos, limitando seu acesso à educação plena. A introdução da LSB desde a Educação Infantil é apontada como estratégia eficaz para promover inclusão e combater a exclusão social. Movimentos sociais entre 2010 e 2013, liderados por entidades como a FENEIS e figuras como Nelson Pimenta⁴, foram decisivos na defesa da educação bilíngue e da identidade surda. Em março de 2011, um comunicado interno do MEC sugeriu o fechamento do Colégio de Aplicação do INES e do Instituto Benjamin Constant (IBC). No entanto, a comunidade surda, muitíssimo preocupada e revoltada com essa possibilidade, organizou uma série de manifestações e atos em todo o país para defender tais escolas. Daí, em 30 de março de 2011, o MEC negou o fechamento das escolas e justificou que tudo não passou de um “mal-entendido”, as instituições foram convocadas para uma reunião, onde receberam garantias de legalidade e continuidade. Como resultado, a inclusão das escolas bilíngues no Plano Nacional de Educação (PNE), pela Lei nº 13.005/2014⁵, representou uma conquista histórica, pois incentiva a inclusão de diretrizes teóricas sobre a educação de pessoas com deficiência em cursos de formação, reforçando a necessidade de políticas que estimulem a educação bilíngue e a inclusão, assegurando a formação em nível superior a todos os profissionais da educação básica, obtida em cursos de licenciatura na área em que atuam.

Embora regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005, a Libras ainda é pouco difundida e frequentemente confundida com outros sistemas, como o Braille. A ausência de políticas eficazes de comunicação entre surdos e ouvintes compromete a inclusão. O Censo mais recente do IBGE⁶, de 2022, divulgado oficialmente em maio de 2025, apresenta que no Brasil tem cerca de 2,6 milhões de pessoas com deficiência auditiva, incluindo surdez parcial ou total. Torna-se urgente reconhecer o surdo como sujeito de identidade e cultura próprias, superando visões clínicas e assimilacionistas da surdez.

O cenário educacional brasileiro ainda revela profundas lacunas na inclusão de alunos surdos, refletidas na ausência de intérpretes, no desconhecimento da Libras e na negligência quanto à cultura surda. Para que a educação seja verdadeiramente democrática, é imprescindível reconhecer a Libras como primeira língua dos surdos, valorizar suas formas cognitivas visuais e promover sua plena participação social e cultural. A proposta não é adaptar o aluno surdo ao sistema vigente, mas preparar a comunidade escolar para acolhê-lo com respeito e competência — assim como o ouvinte aprende línguas estrangeiras para se integrar ao mundo, deve também aprender Libras para conviver com cidadãos surdos de forma equitativa.

Em 1999, durante o V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue para Surdos, representantes surdos brasileiros apresentaram o documento “*A Educação que Nós Surdos Queremos*”, reivindicando, com base na Constituição, que a falta de suporte comunicacional configura discriminação e cerceia direitos fundamentais. Apesar de conquistas legais, como o reconhecimento da Libras pela Lei nº 10.436/2002 e sua regulamentação pelo Decreto nº 5.626/2005, a mídia raramente destaca o protagonismo de surdos doutores, mestres e professores, invisibilizando os movimentos que resistem à hegemonia ouvinte e defendem a valorização da cultura surda.

A cobertura jornalística, como a do Jornal Nacional em 2015, frequentemente adota uma perspectiva clínica da surdez, exaltando o implante coclear como solução universal, sem considerar a diversidade de experiências e a importância da língua de sinais. Tal

⁴ Primeiro surdo a se profissionalizar como ator no Brasil. É professor titular do Departamento de Educação Básica no INES. Atualmente participa do grupo de pesquisa Método Letrônico.

⁵ Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm

⁶ <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43463-censo-2022-brasil-tem-14-4-milhoes-de-pessoas-com-deficiencia>

abordagem reforça estereótipos e ignora a dimensão cultural da surdez, perpetuando práticas medicalizantes que desvalorizam a Libras como língua natural. De acordo com Foucault, *“em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos”*, de forma que o controle dos discursos limita formas alternativas de inclusão e molda percepções sociais sobre o corpo e a identidade surda (Rezende, 2010).

A falta de acessibilidade em espaços públicos, como escolas e aeroportos, evidencia a urgência de capacitar profissionais em Libras e adotar recursos visuais eficazes. No ambiente escolar, a ausência de intérpretes compromete o aprendizado, sendo a falha atribuída ao sistema e à legislação, e não à surdez em si. O contato precoce com a Libras, desde a Educação Infantil, é apontado como essencial para formar cidadãos bilíngues e conscientes da diversidade linguística, ampliando a comunicação em áreas como saúde, segurança e serviços públicos.

Embora o ensino de Libras, segundo o artigo 3º do Decreto nº 5.626/2005⁷, seja obrigatório na formação de professores e fonoaudiólogos, este fica limitado a esses cursos, com um ensinamento básico, geralmente restrito a um semestre apenas, o que torna impossível aprender uma língua, ainda que sendo de forma instrumental. Além disso, não alcança áreas estratégicas como Medicina, Enfermagem e Direito, o que beneficiaria ainda mais a inclusão social dos surdos. O ensino de Libras, inclusive, deveria contemplar as famílias de surdos, garantindo que pais ouvintes possam acompanhar o desenvolvimento de seus filhos surdos com acessibilidade plena. No caso de filhos ouvintes, esses poderiam melhor se comunicar com seus pais ouvintes, proporcionando construir uma sociedade em que a comunicação com pessoas surdas seja natural, respeitosa e efetiva.

O Dr. Willian C. Stokoe Jr, linguista norte-americano e professor na Universidade Gallaudet, falecido em 2000, propôs que a ASL era, de fato, uma língua humana totalmente completa da mesma forma que as línguas orais. Ele publicou uma análise da American Sign Language (ASL) e isso mudou completamente a forma como as línguas de sinais eram vistas, provando que esta possui estrutura fonológica, morfológica e sintática. Ele é considerado o “pai da linguística das línguas de sinais”⁸.

Desde as pesquisas de Stokoe em 1957, ficou comprovado que as línguas de sinais, incluindo a Libras, possuem todos os elementos estruturais de uma língua legítima, diferenciando-se apenas por sua modalidade espaço-visual. No Brasil, a Libras possui status de língua oficial, haja vista ter sido reconhecida como língua, porém nem todos os cidadãos brasileiros tem conhecimento da mesma, alguns até mesmo rejeitando como uma forma de comunicação inferior. Daí, a maioria dos surdos, por nascerem majoritariamente em famílias ouvintes, não recebem essa língua como herança cultural devido a não haver políticas públicas que apoiem as famílias ouvintes em seus processos de aquisição da Libras. O bilinguismo, quando imposto ao surdo, com a Língua Portuguesa como L1, desconsidera sua identidade linguística, enquanto ouvintes escolhem livremente aprender outras línguas. Essa assimetria reforça a necessidade de políticas públicas que respeitem a Libras como língua natural e reconheçam a cultura surda como parte legítima da diversidade brasileira.

No Brasil, a Libras ainda não é tratada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) como primeira língua dos surdos, nem lhe dá status equivalente ao de outras línguas, as estrangeiras. Apesar de ser ofertada em universidades por exigência legal, a carga horária reduzida e o interesse desigual dos alunos limitam o desenvolvimento da fluência. Defende-se, assim, uma mudança de paradigma: inserir o ensino da Libras desde a Educação Infantil,

⁷ CAPÍTULO II: DA INCLUSÃO DA LIBRAS COMO DISCIPLINA CURRICULAR. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm

⁸ Disponível em <https://medium.com/@mpeixoto/willian-c-stokoe-jr-9bdbacec9b67>

estendendo-o ao Ensino Fundamental e Médio, como estratégia para ampliar a aprendizagem, favorecer o respeito à diferença e fortalecer a inclusão social.

A importância do ensino da língua de sinais a crianças ouvintes

Já existem propostas de ensino da Língua de sinais a crianças ouvintes a partir das séries iniciais como sugerido por exemplo, na dissertação de Luciane Rangel Rodrigues, sob o título “Bilinguismo no ensino fundamental: uso de um tema de ciências no ensino da Língua de Sinais Brasileira – LSB para alunos ouvintes”⁹ (Rodrigues, 2015). Parte disso surge da constatação de que crianças e adolescentes aprendem novas línguas com maior facilidade. No caso da Libras, o aprendizado precoce promove não apenas comunicação mais efetiva, mas também sensibilização e aceitação da identidade cultural surda. Recomenda-se que seu ensino ocorra de forma semelhante ao das línguas estrangeiras orais, independentemente da presença de alunos surdos, utilizando materiais adaptados e promovendo o contato com professores surdos. Experiências práticas, como o projeto de Roa (2012)¹⁰, demonstram resultados rápidos e positivos, evidenciando seu potencial transformador. Implementar a Libras como disciplina obrigatória em escolas regulares e inclusivas representaria um avanço na integração entre surdos e ouvintes e na valorização da língua como patrimônio cultural e meio natural de comunicação. Embora reconhecida oficialmente desde 2002, a difusão da Libras segue num marasmo, sendo ainda fundamental superar visões estritamente clínicas da surdez.

A tese acima citada, realizada por Rodrigues (2015), adota a perspectiva de que alunos e professores são protagonistas ativos do processo pedagógico, interagindo num espaço escolar que é também social e cultural. Seu desenvolvimento ocorreu na Escola Municipal Ernani Moreira Franco (Niterói – RJ), que dispunha de infraestrutura adequada, recursos audiovisuais e turmas bilíngues. Houve uma atividade prática envolvendo sete alunos ouvintes do 4º ano, sem conhecimento prévio da Libras, e contou com apoio de professores e intérpretes bilíngues, além do cinegrafista surdo Renato de Araújo Nunes, cuja experiência em pedagogia visual e produção audiovisual enriqueceu a comunicação e a abordagem inclusiva.

O projeto teve por objetivo geral desenvolver um material educacional multimídia, em formato de vídeo, na Língua Brasileira de Sinais (Libras), voltado para alunos ouvintes e baseado em um tema da área de Ciências — Mamíferos —, a fim de estimular o bilinguismo e o aprendizado da língua de sinais.

Entre os objetivos específicos, destacam-se:

- Selecionar sinais relacionados ao tema Mamíferos para a produção do vídeo e a consequente criação do DVD “Libras nas Ciências: Mamíferos”;
- Apresentar o protótipo do material a crianças ouvintes, de 10 a 11 anos, em uma escola pública inclusiva com presença de alunos surdos;
- Disponibilizar a versão final do conteúdo em Libras para o público, abrangendo escolas públicas e inclusivas.

O estudo se propôs a integrar recursos tecnológicos e conteúdos temáticos para ampliar o aprendizado e a valorização da Libras desde a infância, fortalecendo a inclusão e a interação entre surdos e ouvintes. Foram utilizados equipamentos audiovisuais profissionais e semiprofissionais para registrar as aulas, garantindo múltiplas perspectivas e atenção às expressões faciais e corporais — elementos essenciais para a compreensão da língua de sinais.

As gravações ocorreram em diferentes ambientes: inicialmente em sala pequena, que

⁹ Disponível em <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/726757>

¹⁰ Libras como Segunda Língua para crianças ouvintes: avaliação de uma proposta educacional. 2012

limitou o enquadramento, e posteriormente em sala ampla, organizada em formato de meia-lua para privilegiar o contato visual entre professor e alunos. O posicionamento estratégico das câmeras buscou captar tanto a dinâmica coletiva quanto as interações individuais. A coleta de dados foi realizada por meio de questionários aplicados a dois grupos: adultos (surdos e ouvintes) e alunos ouvintes da Escola Municipal Ernani Moreira Franco. As perguntas exploraram dados pessoais, condições auditivas, acesso à informação e percepções sobre a presença de intérpretes, com análise qualiquantitativa baseada em referenciais teóricos consolidados.

O plano de aula incluiu:

- 1º dia: introdução com intérprete e questionários diagnósticos.
- 2º e 3º dias: aulas expositivas sobre mamíferos, com atividades práticas e uso de sinais específicos.
- 4º dia: avaliação final com debate, vídeos e reflexão sobre a relevância da Libras.

O projeto, tendo sido aprovado pelo comitê de ética e plataforma Brasil, adotou imersão linguística total, proibindo o uso de voz ou português, para aproximar os alunos ouvintes da experiência comunicativa dos surdos. A participação de uma professora surda e de profissionais bilíngues, como o cinegrafista Renato de Araújo Nunes, enriqueceu o trabalho com saberes técnicos e culturais, explorando a pedagogia visual. Dentre os desafios, destacaram-se barreiras de interação devido à separação de intervalos entre surdos e ouvintes, limitações técnicas e reorganização de calendário. Ainda assim, a experiência evidenciou o potencial da Libras como instrumento pedagógico e cultural, reforçando que seu ensino precoce, aliado a recursos visuais e metodologias inclusivas, contribui para uma educação mais justa, sensível e transformadora.

O estudo desenvolveu um recurso didático multimídia para o ensino da Língua Brasileira de Sinais (LSB) com foco no tema mamíferos, explorando a relação entre a localização das glândulas mamárias em diferentes espécies e a construção dos sinais na LSB. O mesmo encontra-se disponível em <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=ci-Ml74dU5s&feature=youtu.be>. A língua de sinais, ao contrário do uso generalizado de um único sinal para “mamar” — frequentemente associado à amamentação humana —, possibilita representar variações conforme a posição real dessas glândulas, valorizando a precisão e a riqueza expressiva do idioma.

Abaixo, algumas figuras exemplificando o teor e a ideia desenvolvida no trabalho.

Fig. 01. Figuras apresentando os pontos de articulação utilizados na pesquisa. (Figuras do acervo articular da autora.)



Fig. 02. Sinais referentes ao ato de mamar de vários cachorrinhos. (Figuras do acervo articular da autora.)



Fig. 03. Sinal referente ao ato de mamar de uma foca. (Figuras do acervo articular da autora.)



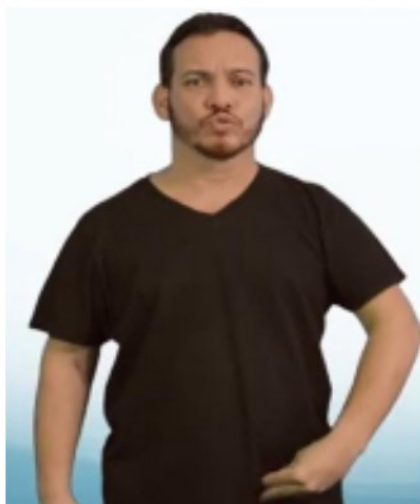
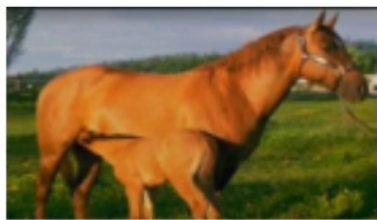
Fig. 04. Sinal referente ao ato de mamar de um bezerro. (Figuras do acervo articular da autora.)



Fig.05.Sinal referente ao ato de mamar numa fêmea de peixe-boi. (Figuras do acervo articular da autora



Fig.06.Sinal referente ao ato de mamar de um cavalo. (Figuras do acervo articular da autora.)



Na construção dos sinais, foram considerados parâmetros linguísticos essenciais: locação, configuração de mãos, movimento, orientação, expressão facial e uso de classificadores, garantindo fidelidade anatômica e clareza comunicativa. Esses elementos compuseram um vídeo de aproximadamente 11 minutos, sem trilha sonora, com legendas para indicar tópicos e com demonstrações de sinais para 17 animais, acompanhadas de imagens e explicações gramaticais, curiosidades e glossário. A avaliação de alunos ouvintes, conduzida a partir de sete critérios (como percepção visual, expressão facial e descrição imagética), demonstrou evolução significativa: antes da atividade, a maioria não conhecia a Libras; ao final, quase todos relataram satisfação, ausência de dificuldades e desejo de continuar aprendendo, reconhecendo a relevância da língua para a comunicação inclusiva.

De acordo com o Ministério da Educação, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva

reafirma o compromisso expresso na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006) de que a educação escolar se faz na convivência entre todas as pessoas, em salas de aulas comuns, reconhecendo e respeitando nossas diferentes formas de comunicar, mover, perceber, relacionar-se, sentir, pensar. Isso implica revisitar constantemente sistemas de ensino, políticas, conceitos e práticas, a fim de transformar nossas escolas para serem mais e mais acessíveis a todas as pessoas. (2008)

Sob essa perspectiva, a pesquisa reforça a LSB como primeira língua da comunidade surda e defende a ampliação de materiais visuais voltados a ouvintes. A proposta se apresenta como estratégia para combater o preconceito linguístico, fomentar inte-

rações mais equitativas e pleitear a inclusão da Libras como disciplina obrigatória no ensino básico, ao lado de línguas como inglês e espanhol. Mais que um produto pedagógico, o trabalho afirma a LSB como patrimônio cultural vivo e ferramenta de transformação social, capaz de aproximar mundos e promover o respeito à diversidade.

O conjunto dessas ações reafirma que a valorização da Libras e o ensino desde a infância são relevantes para a construção de uma sociedade mais equitativa, onde a interação entre surdos e ouvintes se dê de forma natural, respeitosa e culturalmente enriquecida.

Considerações finais

O vídeo desenvolvido — totalmente visual e sem áudio — cumpriu papel pedagógico e cultural, despertando interesse e curiosidade nos alunos ouvintes. A experiência mostrou que as crianças perceberam a LSB não apenas como sinais, mas como um conjunto articulado de expressões faciais e corporais, descrições imagéticas e regras gramaticais próprias. As aulas, dinâmicas e interativas, geraram engajamento e integração entre os alunos, com cooperação mútua e respeito às diferenças. Constatou-se a facilidade e o entusiasmo das crianças para aprender sinais, favorecidos por sua aguçada percepção visual. A presença de um professor surdo agregou valor cultural e quebrou estereótipos, evidenciando que a surdez não representa incapacidade, mas sim um modo diferente de mediar conhecimentos.

O projeto desenvolveu o vídeo educativo “Libras nas Ciências: Mamíferos”, que utilizou como tema central a classificação de mamíferos para ensinar a Língua Brasileira de Sinais. Foram selecionados 17 sinais e 3 vídeos complementares, distribuídos em diferentes seções que abordam desde a configuração de mãos até curiosidades científicas relacionadas ao tema. O teste prático realizado em uma escola pública inclusiva, com crianças ouvintes de 10 a 11 anos e presença de alunos surdos, evidenciou alta aceitação e o potencial pedagógico do protótipo inicial. O material final foi disponibilizado gratuitamente no YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=ci-Ml74dU5s&feature=youtu.be>) e também pode ser distribuído em formato de vídeo para escolas públicas e inclusivas, assim como para professores bilíngues e surdos, incentivando o uso e a difusão dessa ferramenta no ensino de Libras.

Conclui-se que há necessidade de materiais totalmente visuais, compatíveis com a cultura surda e aplicáveis tanto a ouvintes quanto a surdos, fortalecendo a identidade linguística e contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e livre de barreiras comunicativas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras.** Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 22 de dezembro de 2005.

BRASIL. **Lei nº. 10.436, dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e dá outras providências.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 24 de abril de 2002.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, PNEEPI.** Ministério da Educação. Gov.br. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/pneepi>. Acesso em: out, 2025

CAMPELLO, Ana Regina. **Aspectos da visualidade na educação de surdos.** 2008. 245f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2008.

FENEIS. Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. **Movimento Surdo em Favor da Educação e da Cultura Surda - Proposta de Emendas Substitutivas ao projeto de Lei N. 8.035,** de 2010 - 2020. 50 f. p.25.

Plano Nacional de Educação (PNE). Feneis. 2011.

MUTTÃO, Melaine Duarte Ribeiro; LODI, Ana Claudia Balieiro. Formação de professores e educação de surdos: revisão sistemática de teses e dissertações. SP. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Número Especial, 2018: 49-56.

NUNES, Ricardo. **Animais e Mamíferos em LSB**. Youtube. 23 nov 2015, duração 9:59min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ci-Ml74dU5s>. Acesso em: Agosto, 2025.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira**: Estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patricia Luiza; QUADROS, Ronice. **Língua Brasileira de Sinais VI**: tópicos de linguística aplicados à língua de sinais – sociolinguística, psicolinguística e análise do discurso. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. p. 41.

ROA, Maria Cristina Iglesias. **Libras como Segunda Língua para crianças ouvintes: avaliação de uma proposta educacional**. 2012. 189 f. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Saúde). Universidade Federal de São Paulo: 2012.

STROBEL, Karin Lilian; FERNANDES, Sueli. **Aspectos linguísticos da LIBRAS**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

